CAPÍTULO VIII - A REFUTAÇÃO DO ANDRÓGINO

- 1 - Ele os criou
- 2 - Adjutorium Simile
- 3 - Multiplicabo conceptus tuos
- 4 - Caro de Carne Mea
- 5 - Duo in Carne Una
- 6 - Avançar mais além não é permitido

1 - Ele os criou

Os representantes da escola esotérica moderna invocam, em favor da doutrina androgínica, dois tipos de provas: provas autênticas pagãs (sem valor para os cristãos) e supostas provas cristãs (que também não têm valor).

As provas autênticas pagãs não deixam dúvidas. Elas podem não ser tão numerosas e incontestáveis como afirmam seus defensores, mas, enfim, elas existem. A mitologia antiga e a falsa mística de nossa época transmitem incontestavelmente uma certa ideia androgínica, seja ela demiúrgica, ancestral ou escatológica. Nós as examinamos amplamente em nossos artigos anteriores.

As supostas provas cristãs são de dois tipos: primeiro, provas "patrísticas", retiradas, portanto, dos Pais da Igreja; em segundo lugar, provas "escriturísticas", retiradas, portanto, da Sagrada Escritura. As provas que nossos adversários pensam tirar dos Pais da Igreja se reduzem, finalmente, a uma única: a estranha opinião de São Gregório de Nissa. Em seu tratado "Da Formação do Homem", São Gregório emite, sobre Adão, uma série de opiniões que ele recolhe de diversos lugares, que ele não critica suficientemente e que foram reconhecidas como falsas posteriormente. Ele pensa, por exemplo, que, criado à imagem de Deus, Adão foi inicialmente, como Ele, um ser puramente espiritual; na primitiva ideia de Deus, o recrutamento dos homens deveria ocorrer como o dos anjos, por criação individual e não por procriação; e Deus teria criado a geração sexuada apenas porque previa a queda; o primeiro corpo de Adão teria sido desprovido de sexo. Tudo isso, vê-se, não é muito coerente, e nos perguntamos se esta é realmente o verdadeiro pensamento de São Gregório de Nissa.

Exceto por essa exceção, a androginia ancestral não é encontrada na patrologia e nunca foi ensinada na Igreja, nem pela Escola, muito menos pelo Magistério. Os documentos comumente utilizados hoje atestam isso. O "Dictionnaire des Connaissances Religieuses" estabelece o tom no artigo "Adão":

> "Ele os criou homem e mulher, diz o Gênesis. Trata-se de dois seres distintos e não de um único ser que teria sido homem e mulher ao mesmo tempo. Um mito desse tipo, que ocorre em outros lugares, não está na Bíblia." (Volume I, Col. 81).

O "Dictionnaire de Spiritualité" simplesmente afirma a tradição de que Adão foi criado como adulto, capaz de trabalhar e procriar. Ele rejeita a tese de que Adão foi criado como criança e não menciona uma única palavra sobre uma eventual androginia. Nem mesmo menciona a opinião de São Gregório de Nissa, que foi abandonada desde então.

O "Dictionnaire de Théologie" de Vacant et Mangenot não faz absolutamente nenhuma alusão à hipótese androgínica e se contenta em refutar duas opiniões errôneas:

1. A opinião de que nossos primeiros pais teriam sido criados de tamanho gigantesco;
2. Aquela que afirma que originalmente eles teriam sido cegos, baseada no fato de que "seus olhos se abriram" após a queda. Em suma, a hipótese androgínica é absolutamente estranha à Tradição Apostólica e ao ensinamento do Magistério. Vamos agora passar às chamadas "provas escriturais", ou seja, aquelas que são diretamente tiradas do texto das Escrituras. Veremos que todos os trechos que são apresentados por nossos oponentes como provando a androginia de Adão podem muito bem, e até preferencialmente, ser compreendidos no sentido que sempre foi o da Tradição apostólica.

E no entanto, eles os invocam como suas fontes mais sólidas. E ao insistirem com tanta convicção, acabaram por criar uma espécie de má consciência, neste aspecto, até mesmo entre os católicos mais tradicionais, muitos dos quais chegam a se perguntar se a Sagrada Escritura realmente não contém uma vaga ideia androgínica. Portanto, queremos mostrar que não apenas o Gênesis não contém nada que favoreça tal mito, mas também prova de maneira indiscutível que os gêneros masculino e feminino foram distintos desde o início.

Vamos retomar a história da criação de Adão desde o início, para não deixar nada obscuro. O texto do Gênesis primeiro enuncia a decisão divina de produzir, após os animais aquáticos, aéreos e terrestres, uma nova criatura:

> "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gênese, I, 26).

Em seguida, veio a execução desse decreto:

> "E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou" (Gênese, I, 27).

As palavras "homem" e "ele" estão no singular, porque se trata do homem em geral, ou seja, tanto da mulher quanto do homem. A mulher, assim como o homem, é criada à imagem de Deus. A semelhança com Deus é comum a eles. Por isso, o texto diz: Ele o criou. Trata-se da espécie humana como um todo.

Observemos imediatamente que não há menção de qualquer androginia primordial. Se ela realmente tivesse existido, é aqui neste ponto da narrativa que a veríamos aparecer, pois depois só se fala dos gêneros separados.

No entanto, por razões que tentaremos compreender, Adão é inicialmente criado sozinho, masculino mas sozinho. E é precisamente porque Adão é masculino e sozinho (portanto, incapaz de procriar) que Deus toma uma nova decisão:

"Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliadora semelhante a ele" (Gênesis, II, 18). "Non est bonum esse hominem solum; faciamus ei adjutorium simile sibi".

É absolutamente evidente que se, nesta fase da criação, Adão tivesse sido andrógino, Deus teria se expressado de maneira completamente diferente. Ele teria dito algo como: "Não é mais bom que o homem e a mulher permaneçam juntos em um só corpo; separemo-los". Pelo contrário, ele diz Façamos uma ajuda; é a decisão de produzir uma criatura que ainda não existe. "Faciamus". E, portanto, é uma prova de que o homem, como ele ainda é, masculino e sozinho, não está completo, pois ele precisa de uma ajuda. São tantas certezas de que ele não é andrógino.

Quando, após expor os projetos divinos de suscitar um gênero humano, o Escritor Sagrado chega à narrativa da criação propriamente dita do homem, ele só usa o plural:

> "Ele os criou macho e fêmea. E os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a e dominai sobre..." (Gênesis, I, 28).

Todos os pronomes e todos os verbos estão no plural. Deus, muito claramente, está se dirigindo a personagens que desde o início são distintos.

Já estamos certos, a partir desse "primeiro relato" da criação do homem, aquele do capítulo I (Gênese, I, 26-31), de que Adão nunca foi andrógino. E veremos que o "segundo relato", aquele do capítulo V, traz novas evidências na mesma direção.

Mas somos obrigados, ao longo do caminho, a combater também outra ideia, inevitavelmente contida nas teses andrógines. É a ideia de que a separação dos dois gêneros masculino e feminino (separação que, nessas teses, ocorreu em um segundo momento quando a androginia chegou ao fim) é uma malformação essencial, uma "ferida ontológica", conforme sua expressão. Para eles, é essa separação dos gêneros em si que é ruim, e não o uso desregrado que podemos fazer dessa distinção dos gêneros.

Para esses esoteristas, a separação dos gêneros masculino e feminino é patológica. Mas não é apenas, curiosamente, uma malformação acidental, é uma malformação "ontológica", nos é afirmado, ou seja, pertence à nossa essência. Eles expressam essa ideia por meio de formulações extremamente variadas. A distinção dos sexos é, para eles, uma "tragédia existencial", um "tormento ontológico", uma desgraça, um "escândalo ontológico", um "mal-estar irreduzível", uma "angústia fundamental", um "drama da existência". O homem, escreve Jean Libis em seu livro "O mito do andrógino", "é um andrógino cuja unidade se desfez".

Observemos imediatamente que essa noção de malformação essencial não se harmoniza bem com a suposta androginia primordial tão ardentemente defendida em outros lugares. Afirmar a separação essencial dos dois gêneros (por mais desagradável que seja) é ao mesmo tempo negar sua união original em um andrógino. Portanto, já há aqui uma primeira incoerência interna. Mas ela está perdida no espetáculo efervescente das imagens líricas.

E há também uma contradição com o texto sagrado sobre o qual se pretende basear, já que, como acabamos de ver, Deus abençoou o primeiro casal no estado de sujeitos separados: "E Deus os abençoou". Se Ele os abençoou, é porque não havia neles nem malformação, nem tormento, nem tragédia, nem escândalo, nem mal-estar, nem angústia, nem exílio, como gostam de nos dizer.

Conscientes dessa incoerência e contradição, as mentes mais inteligentes entre os esoteristas frequentemente deixam na sombra a androginia positivamente ancestral de Adão, decididamente difícil de sustentar, e a empurram "para cima" da criação terrestre; eles preferem falar de uma androginia celestial; portanto, ela não é mais ancestral, mas arquetípica; quando o logos pensou em uma união com a criatura, sua ideia típica teria sido, nos é dito, o andrógino. Este é o princípio que eles estabelecem.

Mas então perguntamos por que a realização terrena dessa ideia de encarnação andrógina não foi conforme ao princípio cogitado. Unidos no céu no pensamento divino, o homem e a mulher se encontram separados na terra em uma malformação ontológica. Se a separação é ontológica, como ela pode ao mesmo tempo ser uma malformação? Para associar essas duas coisas, é imperativo supor que o Criador (ou o demiurgo, como eles frequentemente dizem) mal realizou seu projeto.

Mais uma vez, nos encontramos diante do mesmo problema: de que inteligência surge então essa ideia do "escândalo ontológico" da separação dos gêneros que ouvimos repetir incessantemente pelos representantes da escola esotérica moderna? O casal humano seria ontologicamente mal feito. O cristão que está um pouco treinado no discernimento dos espíritos reconhece que essa ideia só pode surgir na mente daquele que é homicida desde o princípio. O Nome Deles é Adão.

O Gênesis contém, no início do capítulo V, o que é chamado de segundo relato da criação do homem. Ele confirma integralmente tudo o que acabamos de dizer. Encontramos novamente a semelhança divina comum ao homem e à mulher e também encontramos a distinção dos gêneros:

> "No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez..." (Gênesis, V, 1).

Novamente, trata-se da criação da espécie humana em geral. O singular é usado aqui porque não há motivo para distinguir entre homem e mulher, já que a semelhança divina é comum. Até hoje, e em todas as línguas, frequentemente dizemos "o homem" para nos referirmos indistintamente ao homem e à mulher.

Então veio a distinção dos gêneros. São as mesmas palavras que no primeiro relato:

> "Ele os criou homem e mulher e os abençoou... no dia em que foram criados" (Gênesis, V, 2).

Aqui, encontramos o plural em todos os lugares porque as duas criaturas estão separadas.

No entanto, uma expressão pode causar dificuldade: "...e ele chamou o nome deles de Adão". Literalmente, isso significa: "E ele chamou o nome deles de Adão". Portanto, é o nome de ambos, pois "eorum", mais uma vez, está no plural; ambos têm o mesmo nome. Mas então é surpreendente que o nome de Adão se aplique tanto a um quanto ao outro.

No entanto, observemos o seguinte: Adão não era originalmente um nome próprio, era um nome genérico. Aqui está a definição dada pelo Dicionário de Teologia de Vacant:

> "Adam = nome hebraico que significa homem, como a palavra grega "anthropos" e a palavra latina "homo", mas que se tornou, por apropriação, o nome pessoal daquele que foi o primeiro homem e o pai da humanidade".

Não é surpreendente, portanto, que em hebraico o nome seja único para sujeitos que já são distintos. Quisemos destacar essa particularidade do "segundo relato" da criação do homem porque os defensores do andrógino às vezes o usam como prova de sua tese. Eles argumentam que o nome é o mesmo para afirmar que os dois sujeitos eram um só. Vemos que a linguística, não apenas não impõe tal conclusão, mas até a desaconselha.

2 - Adjutorium Simile

A criação de Eva dá origem, como a de Adão, a uma decisão divina seguida de todo um processo de execução. A decisão divina é formulada assim nas Escrituras: "Faisons lui une aide semblable à lui" (Gênesis 2:18). "Adjutorium" contém uma ideia de dependência e "simile" contém, pelo contrário, uma ideia de semelhança.

Todos os exegetas concordam que essa é a definição da esposa em relação ao homem e também a definição de Maria em relação a Cristo, porque Adão e Eva são figuras antecipadas de Jesus e Maria. A execução do decreto será precedida por um episódio curioso, mas extremamente importante: a parada dos animais diante de Adão, parada que deveria permitir a ele dar nomes a todas as espécies animais. Esta parada dos animais serviu também para outra coisa: Adão pôde assim convencer-se de que não encontraria, entre os animais, essa ajuda semelhante a ele de que ele sentia necessidade, mesmo que fosse para cumprir sua vocação de procriação:

> "Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gênesis 1:28).

Este episódio preparatório não é favorável à tese androgínica. Citemos primeiro o comentário de Fillion sobre este versículo:

> "Mas ele não encontrou nenhuma ajuda para Adão que fosse semelhante a ele" (Gênesis 2:20).

"É como se pudéssemos ver, comenta Fillion, algo da tristeza que Adam mesmo sentia ao constatar seu isolamento". Não se pode deixar de observar que se, naquele momento, Adão fosse andrógino, ele não teria buscado a ajuda semelhante a ele fora de si e nas raças animais, já que ele teria possuído esse ser semelhante dentro de si.

Então vem a famosa cena do sono de Adão (um estado de letargia extática, aliás, acreditam a maioria dos exegetas), da retirada de sua costela e da formação de Eva, por Deus, com a ajuda dessa costela. Os defensores da androginia de Adão pensam encontrar, nesse trecho, a justificativa essencial de sua tese: "Vocês veem bem", dizem eles, "que se trata apenas da divisão do Adão primitivo e andrógino em duas metades sexualmente diferentes." Veremos que, ao contrário, as circunstâncias da criação de Eva não são de forma alguma favoráveis à interpretação andrógina.

A criação de Eva é o último episódio da Criação do mundo. Somente após a aparição da primeira mulher é que o texto das Escrituras anuncia o fechamento da Obra dos Seis Dias (o Hexameron):

>

> "E houve uma tarde e houve uma manhã; este foi o sexto dia. Assim foram acabados os céus e a terra" (Gênesis 1:31; 2:1).

Além disso, a criação de Eva possui todas as características de uma obra criadora. Eis o texto:

> "Et ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem" Literalmente: "E o Senhor Deus construiu a costela que ele havia retirado de Adão, em mulher" (Gênesis 2:22).

Eva, de fato, não pré-existe em Adão; ela precisa ser "construída"; ela precisa ser formada. Deus realiza essas obras a partir do nada; Ele fez a Criação "do nada"; a costela de Adão é "um nada" do qual Ele cria uma mulher do zero. Somente o poder criativo de Deus é capaz de tal "construção".

Na hipótese androgínica, teria sido completamente diferente. Do que se trataria, afinal? Da separação de dois seres pré-existentes e apenas juntos em um único indivíduo. Não haveria, então, necessidade de retirar uma costela. Não haveria necessidade de "construir" uma mulher, uma vez que, por definição, ela já existiria, unida a Adão. Teria havido "separação", mas não "construção".

É evidente, a partir deste relato muito claro do Gênesis, que Eva foi retirada não de um andrógino no qual ela teria pré-existido e coabitado, mas de um homem no qual ela não existia.

E é precisamente essa origem que os esotéricos não querem admitir, e isso porque eles também não querem admitir a autoridade do marido e do pai de família. Então, eles buscam uma origem igualitária para a mulher e o mito andrógino serve como base para eles, supostamente "baseado nas Escrituras".

E no entanto, a autoridade do marido sobre a esposa, no plano de Deus, não deixa absolutamente nenhuma dúvida. A repreensão e o castigo infligidos a Adão, após a queda, provam que o homem é investido de autoridade e carrega a responsabilidade.

A repreensão, primeiro. Deus disse:

> "Quia audisti vocem uxoris tuæ" "Porque ouviste a voz de tua esposa" (Gênesis 3:17).

Um marido não deve "ouvir a voz de sua esposa", ou seja, obedecer a ela. É certamente difícil manter-se firme; a autoridade não é algo fácil de exercer.

O castigo, então:

>

> "Maledicta terra in opere tue" "Maldita seja a terra por causa de tua ação" (Gênesis 3:17).

É a tua ação (opere tue, a ação de Adão) e não a vossa ação, que motiva a punição; é Adão quem é responsável. Quanto à maldição, ela se estende à terra inteira, sobre o governo da qual a autoridade de Adão também se estendia. Mesmo agora, após tantos milênios, ainda se fala sobre "o pecado de Adão".

A mesma posição relativa do homem e da mulher sempre foi mantida. Na cerimônia de casamento, a Igreja faz o celebrante ler a Epístola de São Paulo aos Efésios:

> "Irmãos, que as mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja. Assim como a Igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres devem estar em tudo sujeitas a seus maridos. E vós, maridos, amai vossas mulheres, assim como Cristo também amou a Igreja e Se entregou por ela" (Efésios 5:22-33).

É esta autoridade que constitui o fundamento da família. E a família é a imagem do reino dos céus. A vida familiar, quando há harmonia, já é um pouco o céu na terra. Quantas vezes Nosso Senhor expressou essa comparação: "O reino dos céus é semelhante a um pai de família que...". E que jugo Cristo impõe à Igreja, Sua esposa: "Meu jugo é suave e Minha carga é leve"!

Os defensores do andrógino não admitem essa doutrina. Eles acusam a Igreja de misoginia, seu suposto ódio às mulheres. Eles até mesmo criticam toda a teologia trinitária por misoginia, argumentando que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos personagens masculinos. Isso, dizem eles, é um resquício antigo de androcracia.

É fácil responder a essa acusação de misoginia destacando a veneração dos cristãos por Maria. Ela é honrada com um culto especial ao qual se dá o nome de hiperdulia, para distingui-lo do culto prestado aos santos comuns, que é um simples culto de dulia.

E já que acabamos de revisitar as cenas do Gênesis, observemos as atenções e cuidados que o Criador mostrou para com nossa mãe Eva, "Mãe de todos os viventes" (Gênesis 3:20). Primeiramente, ela não nasceu diretamente da terra bruta; há um intermediário entre ela e a terra, que é seu marido, desempenhando aqui um papel de proteção. Além disso, Adão foi formado fora do Paraíso; ele foi levado para o jardim do Éden após ser tirado da terra: "O Senhor Deus levou o homem e o colocou no jardim" (Gênesis 2:15). Eva, ao contrário, nasceu no próprio Paraíso.

Tudo isso não é um sinal claro de um tratamento privilegiado para a mulher? Foi uma antecipação e anúncio da "plenitude de graça" reservada a Maria. Quem jamais medirá a veneração de Jesus por Sua Mãe: a Paixão física sofrida por Cristo foi poupada a ela; Maria só teve que enfrentar a Paixão mística. É claro que, no plano de Deus, as mulheres não são as mais desfavorecidas.

Quanto à autoridade na família, também é claro que pertence ao esposo e ao pai. Esta é a doutrina correta. Mas nossa época não a suporta mais. E falar dessa maneira na era do homem revoltado é correr o risco de ser um dia repudiado e linchado.

3 - Multiplicabo conceptus tuos

Os defensores do andrógino falam da separação dos gêneros masculino e feminino como uma "malformação ontológica", uma "tragédia existencial", um "drama do exílio". A Igreja também reconhece essa mesma tragédia, mas não lhe atribui a mesma causa e não administra o mesmo remédio.

A tragédia em questão é o desejo descontrolado dos dois gêneros um pelo outro. Os esotéricos acreditam que o descontrole vem da própria separação dos gêneros. Para eles, é essa separação que é anormal. Dizem que ela cria uma tensão; para abolir essa tensão, seria necessário acabar com a separação. A tensão diminuiria a zero em seres híbridos, já que os dois pólos se encontrariam. Esse é o cerne do seu raciocínio.

A Igreja, por outro lado, ensina que a separação dos gêneros é boa, que remonta à origem, e que foi abençoada por Deus. Ensina também que o atrativo mútuo é bom em si mesmo, desde que seja disciplinado e subordinado à missão procriadora.

O que cria a tensão desagradável é a queda do primeiro homem. E toda a doutrina cristã remete ao relato, misterioso certamente, mas esclarecedor, do Gênesis. Logo após o consumo do fruto proibido, Adão e Eva perceberam esse desequilíbrio. Logo veremos por que ele ocorreu primeiro. Eles sentiram a necessidade de fazer cintos porque agora se sentiam privados de uma certa vestimenta espiritual que antes os envolvia.

Então, o que aconteceu? Aconteceram duas coisas, aliás, ligadas entre si. Primeiro, a alma acabara de perder seu domínio sobre o corpo, que se tornara tirânico. Mas também o Espírito Santo ficou triste e se retirou. Ora, é obra do Espírito Santo vestir; reconhece-se a antiga expressão: "O Pai nutre, o Filho sacia e o Espírito Santo veste". Com a retirada do Espírito Santo, a vestimenta espiritual do homem desapareceu. Além dos cintos (perizomata) de origem vegetal feitos espontaneamente pelo homem, Deus acrescentou túnicas (tunicas pelliceas) de pele animal, símbolo dessa disciplina agora necessária e que o Decálogo deveria formular com precisão quando o momento chegasse.

Na repreensão que ele dirige a Eva, Deus lhe anuncia "Multiplicabo conceptus tuos". "Multiplicarei os teus conceitos" (Gên. III, 16). Assim, o atrativo, agora anárquico, dos gêneros um pelo outro, levará a uma proliferação excessiva, poderíamos até dizer patológica.

Para a doutrina eclesiástica, portanto, as causas do descontrole da função procriadora são a retirada de Deus e a inversão das potências que compõem o homem. E o remédio para esse descontrole, quando pode ser imposto, é a disciplina formulada no Decálogo.

É interessante questionar por que o desequilíbrio resultante da queda afetou prioritariamente a função procriadora. Por que essa em particular e não outra função? A razão mais plausível é esta: entre as faculdades humanas, essa função é a que mais necessita da tutela divina, porque é a função que prolonga o poder criativo de Deus. Quando a tutela divina se tornou mais distante, devido ao entristecimento de Deus, foi a função procriadora que foi mais gravemente e primeiro perturbada.

Os adeptos da androginia perdida raciocinam de forma completamente diferente. Atribuem ao "drama do exílio" uma causa completamente diferente e propõem uma solução completamente diferente. Para eles, o desequilíbrio é ontológico, ou seja, depende do nosso ser, e, portanto, o remédio também é ontológico, ou seja, só pode ocorrer quando houver uma mudança em nosso ser. O equilíbrio será restabelecido pela reconstituição do andrógino primordial. Portanto, não é neste mundo que tal reconstituição pode ocorrer. Consequentemente, é adiada para o futuro, quando haverá a reconstituição total do universo. Enquanto isso, um alívio temporário é prometido àqueles que conseguirem reconstituir o andrógino primordial em si mesmos e em espírito, ou seja, agir espiritualmente como andróginos.

Assim, uma verdadeira mística andrógina foi constituída. Ela vai desde os exercícios do "amor cortês" herdados dos "tribunais de amor" da Idade Média até as práticas tântricas mais sofisticadas. Para compreender esse tipo de mística, seria necessário ter tempo para explicar os métodos pelos quais se pode fazer a "kundalini" subir da região lombar à região cervical, pois esse é, em última análise, o objetivo dessas supostas místicas.

Os defensores da mística andrógina acusam a Igreja de pudicícia. Dizem que ela desvia o olhar da questão sexual e, por isso, fracassou totalmente em resolver essa questão. A sexualidade, eles proclamam, saiu da mente de Deus. Certamente, podemos responder. Mas o que não saiu da mente de Deus foi a perversão e a anarquia da sexualidade; estas, pelo contrário, surgiram da mente do demônio.

Quanto à mística andrógina, veremos um dia se ela terá sucesso e em que terá sucesso, onde a Igreja, aparentemente, falhou.

4 - Caro de Carne Mea

Os defensores do andrógino sempre buscaram evidências de sua tese na Escritura Sagrada, tanto para sustentá-la com argumentos que não derivassem do paganismo quanto para mostrar que a Igreja era fundamentalmente andrógina, embora não a proclamasse abertamente. As palavras proferidas por Adão quando ele avistou pela primeira vez a companheira que Deus acabara de trazer a ele lhes fornecem, eles estimam, um motivo de triunfo. Vamos ver o que isso significa.

Então Adão disse:

> "Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne. Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada" (Gên. 2:23).

"Você vê," dizem nossos oponentes, "Eva é o resultado de uma extração e de uma partilha da mesma carne; portanto, Adão era andrógino como nós afirmamos."

É fácil responder a eles. Certamente, Eva foi extraída de Adão em termos de sua substância. Mas essa extração de uma parcela de substância foi complementada por uma edificação (ædificavit), ou seja, por uma transformação, como vimos que faz parte do grande processo da Criação. Eva não pré-existia em Adão, como exigiria a tese andrógina; ela teve que ser moldada, criada. Portanto, não houve simples bipartição, simples separação de dois seres justapostos.

O sentido literal das palavras de Adão é perfeitamente compreensível sem recorrer a explicações andróginas. Por que ele lança sua famosa exclamação: "Osso dos meus ossos e carne da minha carne"? É simplesmente porque ele finalmente encontra o que procurou em vão durante o desfile dos animais. Nenhuma fêmea animal era osso dos seus ossos e carne da sua carne, e portanto nenhuma era adequada para se tornar sua "ajuda", especialmente na função procriadora.

Desta vez, ele tem diante dele uma companheira que é de sua própria espécie. Eis como L.-CI. Fillion comenta as palavras de Adão:

> "O tom é todo alegre e a linguagem poética, em contraste com o desfile dos animais. Ele sabe que Eva é aliada a ele por meio de uma parentesco muito próximo e tira daí o nome genérico que ela terá".

Não há necessidade, para explicar as palavras de Adão, de imaginar uma androginia primitiva.

Então, que "nome genérico" Adão dá à sua esposa? Ele a chama de "virago", porque, diz ele, ela foi tirada do homem. "Virago", de fato, pode ser interpretado como a contração de "viri-imago", ou

seja, imagem de homem. Eva é feita da substância de Adão, mas também é feita à sua imagem. Ela é seu equivalente, sua cópia e seu reflexo. Ela realiza a semelhança desejada por Deus: "Faremos uma ajuda semelhante a ele".

Em vez de "virago", uma antiga tradução latina do Gênesis trazia "vira", que é a forma feminina de "vir", reproduzindo assim a simetria que existe no texto hebraico entre "isch" (homem) e "ischah" (mulher). Uma antiga tradução francesa traduzia "vira" por hommesse, para usar, por imitação do latim e do hebraico, uma forma feminina de homem (o texto grego dos Setenta é menos claro, pois traz "andros" para homem e "guné" para mulher, mas essas duas palavras não têm semelhança entre si).

Em todas essas correspondências, "vir-vira", "vir-virago", "isch-ischah", "homem-hommesse", encontramos uma ideia de simetria, de reflexo e de imagem, mas não encontramos as noções de pré-existência e de bipartição, como seria necessário para sugerir a androginia. Mais uma vez, portanto, Eva foi tirada de um Adão-homem e não de um Adão-andrógino.

5 - Duo in Carne Una

Chegamos agora à última tentativa dos androginistas e veremos que ela está destinada ao mesmo fracasso. Eles se agarram, uma última vez, ao famoso verso que todo mundo conhece de cor:

> "Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá (adha erebit) à sua esposa (uxori) e serão os dois em uma só carne". "E erunt duo in carne una" (Gen., II, 24).

Eles pegam a expressão "duo in carne una" para lhe dar, desta vez, um sentido literal que não lhe convém. "Dois em uma só carne", essa é de fato a definição do andrógino, dizem eles. O casal humano, e mais precisamente o ato de se unir, reconstituem o andrógino adâmico.

Há aqui um erro muito grosseiro de interpretação. Nunca tal exegese foi aceita ou mesmo expressa na Igreja. O sentido literal aqui é completamente ininteligível, como vamos mostrar. É por causa de seu casamento que os cônjuges agora possuirão a mesma carne (erunt duo in carne una)? Diremos que eles têm o mesmo corpo? Claro que não, pois os dois corpos permanecem separados. Diremos então que os dois corpos são feitos da mesma substância carnal? Essa comunidade de substância não é específica dos cônjuges, pois ela se encontra em dois seres humanos escolhidos ao acaso.

Portanto, estamos nos desviando se procuramos aqui o sentido literal. É evidente que o vínculo que une os cônjuges não é o da unidade de substância. Se o texto fala de uma só carne, é por outra razão. A compreensão deste trecho do Gênesis é dada no Evangelho. Vamos reproduzi-lo na íntegra porque é muito importante.

Os fariseus se aproximam de Jesus e lhe fazem esta pergunta

> "É permitido a um homem repudiar sua esposa por qualquer motivo? Jesus respondeu-lhes: 'Não lestes que aquele que os criou, desde o princípio, os fez homem e mulher e disse: Por isso deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe.'" (Mateus, XIX, 3-6)

Nosso Senhor compara os laços que unem os cônjuges com os laços particularmente indissolúveis que uniam Adão e Eva. Os cônjuges encontram-se espiritualmente na situação recíproca em que Adão e Eva se encontravam fisicamente. Não se pode separar espiritualmente os cônjuges mais do que se poderia dissociar fisicamente nossos primeiros pais, que tinham o privilégio único, nunca

reproduzido desde então, de possuir uma carne única.

Se Nosso Senhor evoca o exemplo de Adão e Eva, não é para sugerir que os cônjuges adquiram, em virtude do seu casamento, uma substância carnal única que não teriam possuído anteriormente, é para dar uma imagem da força e da indissolubilidade do laço que os une. É, aliás, a conclusão da resposta que ele dá aos fariseus.

Se insistimos, é porque estamos tocando no ponto sensível que é o mais atacado pelos andróginos. Há, neste texto, uma comparação entre dois estados análogos: o estado físico do primeiro casal humano e o estado espiritual de todos os outros casais. Os dois termos desta comparação são separados na Gênesis pelo advérbio "quamobrem" e no Evangelho por "propter hoc". Estas palavras, que significam "em razão de..., por causa de..." fazem a charnière entre os dois termos da analogia e seu significado desenvolvido é o seguinte:

> «Devido ao estado no qual o primeiro homem e a primeira mulher foram criados».

O comentário de L.-Cl. Fillion nos convencerá definitivamente:

> «Todas as outras relações, todos os outros vínculos, mesmo os mais íntimos, cederão às relações e aos laços estabelecidos pelo casamento. A coesão criada por essa força é a maior possível... Conclusão final de Jesus: que o homem se abstenha de romper pela divórcio a unidade tão estreita que Deus Ele mesmo estabeleceu entre os dois primeiros cônjuges».

Assim, esta mesma expressão bíblica «duo in carne una» é interpretada pela Igreja como significando a indissoluabilidade espiritual do casamento e pelos andróginos como a reconstrução física do andrógino adâmico. Essa reconstrução é o elemento introdutório de um certo caminho místico que leva às práticas mais sofisticadas do ioga, tântrico ou outro.

6 - Avançar mais além não é permitido

Acreditamos ter mostrado que os argumentos a favor da androginia de Adão não têm valor algum. Agora é necessário examinar aqueles que a mesma escola esotérica ainda avança em relação a uma pretendida androginia arquetípica, sediada no próprio seio da Divindade. Os doutrinários desta escola estimam que, de duas coisas uma, ou bem Cristo seria ele mesmo andrógino como sendo o modelo de Adão, ou bem existiria um demiurgo andrógino, mais primitivo e mais essencial na mente divina, do qual Cristo e Sua Mãe não seriam mais do que os produtos da bipartição.

Reduzamos, portanto, nossas ambições e vejamos apenas de que maneira os esoteristas estabelecem seu raciocínio. Eles o baseiam em uma constatação inicial que é correta, ou seja, que no casal humano, o homem provém de um pensamento divino de justiça e a mulher de um pensamento divino de misericórdia. E de fato, não há nada a dizer sobre isso. Mas eles vão tirar desta constatação correta consequências que já não o serão.

O arquétipo universal, dizem eles, deve reunir, associar e harmonizar a justiça e a misericórdia que são os dois grandes atributos divinos. Portanto, para eles, o arquétipo universal não pode ser senão andrógino, reunindo assim a justiça e a misericórdia, o princípio masculino e o princípio feminino.

Existem duas contradições ali, cuja refutação completa nos levaria a longas considerações teológicas, porque elas introduzem perturbações nas relações entre o Criador e a criatura. Digamos apenas, para nos resumir, que o andrógino arquetípico substitui a hierarquia normal do Criador e da criatura por uma relação de igualdade. O elemento masculino, de fato, representa o Criador, e o elemento feminino, a criatura. Mas no seio de um andrógino, não existe qualquer precedência, qualquer prioridade cronológica, do primeiro sobre o segundo, e portanto nenhuma hierarquia entre o representante do Criador e o da criatura. Assim se pode resumir a principal perturbação teológica introduzida pela androginia arquetípica. Mas ela ainda provoca outras e tudo isso nos levaria muito longe.

A escola esotérica, que também podemos chamar de escola gnóstica, está, mais uma vez, em contradição com a doutrina da Igreja, a qual ensina que o arquétipo universal é o Cristo, a Palavra Encarnada, e que o Cristo não é andrógino: «Um filho nos nasceu; um Filho nos foi dado». Não há outro nome que Jesus pelo qual possamos ser salvos.

Aqui toca-se no dedo a diferença essencial entre o pensamento cristão e o pensamento gnóstico. O pensamento cristão medita a Revelação que lhe foi dada, mas não vai além; quando se depara com um mistério, contempla-o sem tentar penetrá-lo. Tal é a postura realista.

O pensamento gnóstico é guiado por uma intenção de conhecimento a todo custo, não admite ser limitado pelo mistério, quer entender até mesmo o que está acima das forças da razão humana; então, quando a Revelação não fornece explicações, ele as inventa conforme o "próprio espírito", quando não se deixa inspirar pelo "mau espírito", o que acontece frequentemente.

E aqui é o que ela faz. A escola gnóstica atual vê muito exatamente que o homem é resultado de um pensamento divino de justiça e a mulher de um pensamento divino de misericórdia, mas então ela prolonga essa constatação exata com uma invenção explicativa: associa esses dois pensamentos divinos para criar um andrógino arquetípico, apesar das idiotices e sacrilégios aos quais conduz tal mito. Porque, afinal, aqui está uma entidade, um fantasma que vem se interpôr entre o Cristo e Deus e ocupar precisamente o lugar que Lúcifer ambiciona.

Vamos agora raciocinar como cristãos. A coexistência da justiça e da misericórdia é obviamente muito misteriosa, pois, de certa forma, elas se opõem. Na Santíssima Trindade, há a distinção das pessoas e a unidade da substância: o Pai é distinto do Filho e do Espírito Santo, mas o Pai não é "algo diferente" do Filho e do Espírito Santo, como afirma vigorosamente São Atanásio em seu símbolo. Em Deus, tudo é simples. Há o atributo da justiça e o atributo da misericórdia. Mas a justiça não é algo diferente da misericórdia. Estes são mistérios que devemos apenas contemplar, sem inventar um andrógino sob o pretexto de torná-los inteligíveis.

Pio IX, em sua allocução "Singulari quidem" de 9 de dezembro de 1854, trata justamente desta questão dos relacionamentos entre a justiça e a misericórdia:

> «Longe de mim, veneráveis irmãos, que nos atrevamos a colocar limites à misericórdia de Deus, que é infinita; longe de nós que queiramos sondar os conselhos e julgamentos ocultos de Deus, abismos imensos onde a mente do homem não pode penetrar... Quando, livres das restrições físicas, vermos Deus como Ele é, compreenderemos qual elo estreito e belo une em Deus a misericórdia e a justiça. Agora que estamos nesta moradia terrena, acreditem firmemente, segundo a doutrina católica, que há um Deus, uma Fé, um batismo; ir além em nossas pesquisas não é mais permitido».

Estas palavras de Pio IX contêm mais verdadeira sabedoria, mais cultura religiosa, mais experiência sobrenatural do que todas as grotescas e blasfemas invenções da gnose, antiga e moderna.

Terminamos nossa série de cinco capítulos sobre o tema do simbolismo da Cruz. O primeiro estava reservado para o significado sobrenatural da Cruz do Calvário.

O segundo apresentava o simbolismo metafísico que R. Guénon dá à Cruz, após sofrer transformações que a desfiguram completamente.

Depois, fomos levados a dedicar dois capítulos ao mito do andrógino porque R. Guénon, tendo excluído Cristo da cruz metafísica, nele faz figurar o homem universal que descreve como

andrógino; o estudo deste mito nos pareceu necessário para explicar o verdadeiro sentido do simbolismo metafísico da cruz. O último capítulo está reservado, para encerrar, à refutação de um mito que é absolutamente estranho à Tradição apostólica.

Não há outro arquétipo além de nosso Senhor Jesus Cristo.

> «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele todas as coisas foram criadas, as que estão nos céus e as que estão na terra... Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele. Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja, ele que é o início... Pois agradou ao Pai que toda a plenitude habitasse nele... Digo isto para que ninguém vos seduza com argumentos persuasivos» (Col. I, 15-19 e II, 4).